

**PORTUGUÊS**

Leia o texto a seguir.

**TEXTO 1****A TERRA DO NÃO**

(Thomaz Wood Jr.)

*Dentre os pitorescos traços do comportamento organizacional pindoramense está uma crônica dificuldade para dizer não*

Em uma passagem por São Paulo, o escritor Mia Couto brindou sua platéia com pérolas moçambicanas. O autor de *O Outro Pé da Sereia* observou que seus conterrâneos têm dificuldade para dizer não, como se a negação representasse uma forte desavença. Certa vez perguntou a um pescador se a maré estava a subir e colheu a seguinte evasiva: “Sim, está a subir, mas já começou a descer”. D’outra ocasião, exercia atividades de biólogo em uma praia e avistou um pássaro. Interessado, perguntou a um nativo próximo: “Qual o nome daquele pássaro?”, ao que o interlocutor respondeu: “A esse pássaro nós aqui chamamos de sapo”. Em um terceiro evento, perguntou a um produtor, beneficiado por uma determinada política pública, se sua vida havia melhorado, ao que o dito produtor retornou: “Está a melhorar a vida, mas está a melhorar muito mal”.

Moçambique não tem apenas a língua e a colonização portuguesa em comum com Pindorama. Os habitantes daqui e d’acolá parecem intimidados pela possibilidade de terem de dizer não. Nos trópicos sul-americanos, como na África Austral, dizer não parece ser um convite ao constrangimento. Se não for acompanhada de mesuras e compensações, a temerária conduta poderá colocar em risco amizades e relações profissionais, ou despertar sentimentos de vingança. Qual é a raiz? A primeira hipótese, obviamente, é o passado colonial. Sociedades coloniais são assimétricas. Moçambique livrou-se do jugo há três décadas; Pindorama, há quase dois séculos, mas ainda não se emendou.

“O projeto estará pronto até o fim do mês?” “Certamente.” “O carro estará reparado até o fim da semana?” “Sim, sem sombra de dúvida.” Naturalmente, não se pode tomar tais respostas por seu valor de face. Tais respostas significam que, findo o prazo, os assuntos apenas começarão a ser considerados. A chance de os trabalhos serem terminados no momento prometido é, como se sabe, remota ou nula.

Como resolver tais situações? O prezado leitor poderá apoiar-se na notória Teoria X e pressupor que o homem é um ser ladino e ardiloso. Então, esbravejará, gritará e ameaçará. Resultado: será tomado por neurótico, antipático e *workaholic*. Ou poderá adotar a Teoria Y e pressupor que o homem é um ser confiável e cooperativo. Então, tentará seduzir e cooptar. No entanto, qualquer que seja a estratégia, o projeto e o carro não ficarão prontos no prazo. Onde o “não!” é tabu, o “sim” se transmuta em “talvez, quem sabe...”

Em Pindorama, as corporações combinam intensas relações pessoais e cordialidade. As teias de relacionamento pessoal, tecidas nas entranhas das corporações, colocam em primeiro plano a preservação da harmonia. Discordâncias podem ser tomadas como desavenças. Impera, por isso, uma cordialidade de fachada, alimentada antes pelo temor do que pelo respeito. Nas empresas locais, expor discordâncias e fazer críticas profissionais é colocar em risco a relação e, freqüentemente, o próprio pescoço.

Outra explicação para a dificuldade em dizer não é a concentração de poder de decisão no topo da pirâmide. Para os habitantes das bases, o sim é a linguagem corriqueira e o não pode ser interpretado como rebeldia indesejada. Para os profissionais pindoramenses, é muito difícil contradizer o interlocutor, especialmente quando este está um ou mais degraus acima na pirâmide corporativa. Com isso, conflitos reais ou imaginários são diligentemente evitados. Mesmo diante de erros patentes ou situações absurdas, a regra implícita recomenda contemporizar e circundar.

Para os indivíduos e para as organizações, a ausência do não tem conseqüências importantes. Indivíduos que não sabem negar solicitações e convites atolam-se em atividades secundárias. Eles (e elas) invadem, a trabalhar, noites e fins de semana, estouram prazos e orçamentos, comprometem a qualidade do trabalho e criam úlceras e inimizades.

Nas empresas, a ausência do não também pode provocar conseqüências nefastas. Conflitos são inerentes à vida corporativa. Explicitá-los e tratá-los, de forma aberta e saudável, é parte da ação gerencial e pedra fundamental para a evolução. Negar conflitos alimenta um ambiente de falsa harmonia e inibe a percepção de problemas e ameaças. A longo prazo, tal comportamento pode comprometer resultados e colocar em risco a sobrevivência da organização. Tomar, à primeira vista, sapos por passarinhos não é grave. Entretanto, deixar de negar a natureza evidente do batráquio pode ser o primeiro passo para a esquizofrenia.

(*CartaCapital*, 12 de julho de 2006)

#### QUESTÃO 1

Com base na leitura feita, é **CORRETO** afirmar que o objetivo geral do texto é

- a) condenar a cordialidade como traço de identidade nacional brasileira.
- b) justificar as razões pelas quais os brasileiros “têm dificuldade para dizer não”.
- c) comparar, em diversos aspectos, a cultura brasileira à moçambicana.
- d) constatar a “dificuldade de dizer não” do brasileiro e apontar algumas conseqüências.

**Resposta: D**

No texto, apesar do autor estabelecer algumas comparações entre Brasil e Moçambique, o objetivo geral é constatar por meio de fatos e exemplos a “dificuldade de dizer não” do brasileiro e apontar, sobretudo nos dois últimos parágrafos, algumas conseqüências dessa dificuldade. O autor não tenta justificar as razões pelas quais os brasileiros “têm dificuldade para dizer não”, na verdade ele tece uma crítica a esse “hábito”.

**QUESTÃO 2**

De acordo como o texto *A terra do não*, são motivos pelos quais as pessoas não dizem “não”, EXCETO

- a) a estratificação social.
- b) a possível desavença causada pela negação.
- c) a assimetria das sociedades que possuem passado colonial.
- d) a cordialidade inerente a algumas sociedades.

**Resposta: C**

Não é possível afirmar que a disparidade das sociedades que possuem passado colonial seja motivo para justificar o fato das pessoas não dizerem “não”. Há na letra B uma generalização que faz com que ela seja a alternativa a ser marcada como “errada”.

**QUESTÃO 3**

Em todas as passagens abaixo retiradas do texto que você acaba de analisar, o articulador destacado introduz uma oração que traduz **CIRCUNSTÂNCIA**, exceto:

- a) “Para os profissionais pindoranenses, é muito difícil contradizer o interlocutor, especialmente QUANDO este está a um ou mais degraus acima na pirâmide corporativa.”
- b) “O autor de *O outro pé da sereia* observou que seus contemporâneos têm dificuldade PARA dizer não...”
- c) “SE não for acompanhada de medidas e compensações, a temerária conduta poderá colocar em risco amizades e relações profissionais...”
- d) “A chance de os trabalhos serem terminados no momento prometido é, COMO se sabe, remota ou nula.”

**Resposta: B**

Na alternativa A, o “para” funciona como uma preposição, equivalendo a “em”. Logo, a oração é adjetiva, ou seja, tem valor de adjetivo (restringindo a dificuldade que os contemporâneos têm) e não de advérbio (circunstância). Assim: O autor de *O outro pé da sereia* observou que seus contemporâneos têm dificuldade em dizer não...

B) “SE não for acompanhada de medidas e compensações (...)” – circunstância de condição.

C) “(...) COMO se sabe (...)” – circunstância de conformidade.

D) “(...) QUANDO este está a um ou mais degraus acima da pirâmide corporativa” – circunstância de tempo.

**QUESTÃO 4**

**Assinale a alternativa em que a palavra destacada NÃO pode ser substituída pela palavra entre colchetes, porque essa substituição altera o sentido original do texto.**

- a) “O prezado leitor poderá apoiar-se na notória Teoria X e pressupor que o homem é um ser LADINO e ardiloso.” [esperto]
- b) “Se não for acompanhada de MESURAS e compensações, a temerária conduta poderá colocar em risco amizades e relações profissionais” [medidas]
- c) “Moçambique livrou-se do JUGO há três décadas” [opressão]
- d) “Pindorama (...) ainda não se EMENDOU” [corrigiu]

**Resposta: B**

A palavra “mesura” significa cortesia, cumprimento, reverência, logo, nada tem a ver com medidas.

No texto, o autor retrata situações em que dizer “não” pode ser arriscado, caso não seja dito de forma cortês e acompanhado de desculpas e reverências.

Nas outras alternativas, a palavra destacada pode ser substituída pela palavra entre colchetes, sem alterar o sentido original.